

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 5 – Política e Economia da Informação

O NEGACIONISMO DO DESIGN INTELIGENTE NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOB O OLHAR DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

INTELLIGENT DESIGN DENIALISM IN BRAZIL: A REFLECTION FROM THE PERSPECTIVE OF INFORMATION SCIENCE

José Claudio Matos – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: o artigo apresenta resultados de um projeto de pesquisa no campo da ciência da informação, com foco no negacionismo, especificamente a ideia de design inteligente (DI). Analisa trabalhos publicados sobre este assunto, com o propósito de estabelecer que - além de uma pseudociência - o DI é um autêntico caso de negacionismo, especialmente devido a suas estratégias retóricas e tentativas de legitimação nos canais de comunicação científica. Empreende uma pesquisa do tipo bibliográfico, cuja amostra é analisada seguindo os princípios da Teoria Fundamentada, visando emergir a teoria em etapas sucessivas de análise. Discute o momento atual dos estudos sobre desinformação no Brasil, enfatiza as ameaças da desinformação científica e do negacionismo, e toma como caso o DI. Conclui que os métodos da ciência da informação permitem uma caracterização original e relevante do negacionismo do DI e sugere, nesta direção, alguns caminhos de futura investigação - a produção bibliográfica de proponentes do DI, circulação de documentos do DI em canais de comunicação e sistemas de informação científica e sua presença em planos de ensino e bibliografias.

Palavras-chave: negacionismo; design inteligente; desinformação.

Abstract: the article presents the progress of a research project in the field of information science, focusing on denialism, specifically the idea of intelligent design (ID). It analyzes published works on this subject, with the purpose of establishing that - in addition to being a pseudoscience - ID is an authentic case of denialism, especially due to its rhetorical strategies and attempts to legitimize it in scientific communication channels. It undertakes bibliographic research, whose sample is analyzed following the principles of Grounded Theory, aiming to emerge the theory in successive stages of analysis. It discusses the current moment of studies on disinformation in Brazil, emphasizes the threats of scientific disinformation and denialism, and takes ID as a case. It concludes that the methods of information science allow an original and relevant characterization of ID denialism and suggests, in this direction, some paths of future investigation - the bibliographic production of ID proponents of the circulation of DI documents in communication channels and scientific information systems and their presence in teaching plans and bibliographies.

Keywords: denialism; intelligent design; disinformation.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute resultados iniciais de um projeto¹ de pesquisa pertencente ao campo da ciência da informação (CI). Seu foco é o fenômeno da desinformação, na forma como vem sendo abordado na CI por diferentes metodologias e perspectivas teóricas. Interessa, mais especificamente aqui, uma estratégia de desinformação conhecida como “negacionismo” – entendido o termo como a atitude de disseminar mensagens que contestam a validade de algum consenso científico, amplamente aceito pela comunidade de especialistas.

O negacionismo, em suas múltiplas formas, vem sendo analisado e desmascarado por diversos agentes e instituições representantes da cientificidade. Recentemente o assunto foi alvo da publicação de uma obra de referência, o *Dicionário dos Negacionismos no Brasil* (Szwako; Ratton, 2022). A publicação de um dicionário sobre negacionismos pode ser considerada um indício do refinamento terminológico associado à elevação do conceito ao lugar de categoria teórica, a partir da qual se organizam discussões científicas especializadas. Ao definir o termo “negacionismo”, o dicionário afirma:

[...] estamos falando de realizações coletivas em que práticas de negação transformam-se em formas completamente diferentes de ver o mundo, indo além da recusa da verdade e produzindo outra verdade, que se pretende superior (Szwako; Ratton, 2022, p. 198).

O significado desta passagem indica que o negacionismo age visando formar conjuntos de crenças e moldar a opinião pública. É possível observar o andamento de iniciativas para desmistificar e denunciar os negacionismos. Apesar disso, seu avanço nos ambientes informacionais, e seus efeitos na sociedade, representam uma das grandes ameaças ao pensamento crítico e à eficácia das políticas públicas baseadas na ciência.

A questão a ser respondida pelo presente estudo envolve a análise de algumas publicações tanto favoráveis como críticas acerca da ideia do design inteligente (DI), visando identificar a adoção de algumas estratégias argumentativas próprias do negacionismo. A pergunta-problema deste estudo, portanto, pode ser formulada nos seguintes termos: *Em que medida a ideia do Design Inteligente pode ser identificada com o negacionismo, com base na identificação de suas estratégias retóricas?*

¹ Trata-se do projeto “Estratégias negacionistas na comunicação científica no Brasil: O caso do Design Inteligente”, iniciado em 2024, como parte das atividades do Grupo de Pesquisa Cultura Impressa e Digital - GPCIDI, do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação – PPGInfo – UDESC. Este grupo está vinculado à linha 2 do PPGInfo: Informação, Memória e Sociedade.

O argumento proposto no presente trabalho se baseia em considerar o DI como um caso de negacionismo. Já é amplamente admitido pelos seus críticos que o DI é uma pseudociência. De fato, se pode considerar a alegação de pseudociência como base da crítica contra esta ideia, e contra sua promoção em veículos de comunicação científica. Como exemplo, Nicolaidis (2016), comenta o DI em uma carta ao editor da *Clinical Biomedical Research* intitulada “A pseudociência do Design Inteligente”.

Pergunta-se inicialmente, como conceituar “pseudociência” a ponto de incluir no escopo do termo a ideia do DI? Como informa o *Dicionário dos Negacionismos no Brasil*, “pseudociência é uma expressão pejorativa, uma arma mobilizada nas disputas das fronteiras entre ciência e não-ciência” (Szwako; Ratton, 2022, p. 275). Perceba-se que a demarcação clara entre ciência e pseudociência é, para cada caso, um tema de debates. O termo “pseudociência” refere-se principalmente a: i) áreas de estudo que não praticam métodos reconhecidos pela cientificidade considerada mais rigorosa e consensual, mas que desejam imitar a estrutura da ciência para obter prestígio, ou ii) áreas cuja discussão é carregada de aspectos ideológicos e políticos, ou ainda iii) áreas cujas questões já foram científicas, mas que foram abandonadas na evolução das discussões especializadas.

Conforme a linha argumentativa do presente estudo, além da ideia do DI ser considerada pseudocientífica, é possível avançar em sua caracterização e aprofundar o estudo de seus estratagemas retóricos, ponto em que o DI passa a ser considerado como um movimento negacionista. Para o campo da ciência da informação, considerar o DI como negacionismo é um procedimento que viabiliza um foco mais preciso e o acionamento de métodos mais apropriados para seu estudo, no contexto da chamada “desinformação digital em rede” (Schneider, 2022), assim como iniciativas para seu combate.

Considerando o que até aqui foi apresentado, o objetivo geral deste estudo pode ser descrito como segue: Verificar em que medida o DI se identifica como uma forma de negacionismo, e quais os problemas relacionados com sua disseminação no ambiente acadêmico e no campo da discussão pública no Brasil.

A hipótese central do estudo é a de que o DI, além de ser caracterizado como uma pseudociência, na medida em que não se sustenta por evidências ou métodos reconhecidos pela comunidade de especialistas, é também uma forma de negacionismo. O DI é uma forma de negacionismo, porque pretende usar estratégias retóricas para enfraquecer um consenso científico já estabelecido, devido a motivações ideológicas estranhas à prática da ciência.

Estudos preliminares indicam que, no discurso negacionista do DI, há sinais de um estilo argumentativo, visando a persuasão do público, que se identifica, em linhas gerais, com a desinformação. Entende-se por “desinformação” a disseminação de mensagens cuja função é levar os receptores ao engano. Especificamente, o DI é identificado com a forma de desinformação denominada “negacionismo”, cujas características serão discutidas nas seções seguintes.

2 METODOLOGIA

A resposta à pergunta de pesquisa depende de uma consideração atenta da recepção crítica (seja favorável, seja desfavorável) do DI pelos representantes do campo específico das ciências da vida, da divulgação científica e da educação em ciências. Depende, também, de um mapeamento das publicações favoráveis e contrárias ao DI. Aqui, o instrumental da ciência da informação se revela como mais eficiente para a análise de seu impacto, da qualidade e confiabilidade dos documentos, referências, veículos e autores. Nos limites do presente trabalho não será possível aprofundar todos esses procedimentos de análise, mas se espera deixar clara a fertilidade dessa linha investigativa.

Trata-se, aqui, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, composta de uma busca bibliográfica desenvolvida em camadas. A primeira delas se volta ao tema da desinformação, especialmente a desinformação científica e o negacionismo. A segunda se volta ao tema do DI, através das publicações que fazem a defesa dessa ideia, objetivando identificar suas estratégias de legitimação e persuasão. A terceira se volta aos estudos de crítica e tentativas de refutação da ideia do DI, visando reconhecer como essa refutação se articula nos canais de comunicação científica.

A busca foi realizada no Portal de Periódicos da CAPES, com os termos “negacionismo” e “design inteligente”. Os documentos recuperados foram selecionados mediante a leitura dos resumos. Para o termo “negacionismos” foram aplicados filtros para as áreas de conhecimento das ciências humanas e ciências sociais aplicadas. Dos 228 documentos recuperados, foram excluídos os estudos de casos específicos, e incluídos os artigos que envolvessem conceituação e caracterização do fenômeno. Sobre o DI foram recuperados inicialmente 18 documentos, e analisados aqueles que apresentavam caracterização – favorável ou desfavorável – do DI. Através da discussão dessas produções, o estudo pode fazer emergir explicações, que permitam à pesquisa atingir seus objetivos.

Na dimensão completa, prevista pelo projeto original, ainda em andamento, a pesquisa segue a diretriz metodológica da Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), tal como é proposta por Strauss e Corbin (2008). Esta diretriz garante um padrão de rigor, ao mesmo tempo em que encoraja o pesquisador a formular perguntas e fazer comparações entre os conjuntos de dados e conceitos que emergem da análise:

Duas operações são absolutamente essenciais para o desenvolvimento de teoria usando nosso método de análise. A primeira é *formular perguntas*. Todos os tipos de investigação se baseiam na formulação de perguntas efetivas [...] A segunda operação é *fazer comparações* (Strauss; Corbin, 2008, p. 79).

Na presente interpretação, estas operações permitem certa liberdade intelectual no processo investigativo, adequada a estudos exploratórios.

Etapas seguintes da pesquisa pretendem partir dos resultados apresentados neste artigo, a fim de proceder a codificação e a comparação entre três focos principais da amostragem:

1. Documentos proponentes do DI em plataformas de comunicação científica, sistemas de informação como tesouros e índices, citações e redes de referência.
2. Trajetórias, produção acadêmica e ligações dos autores que defendem o DI.
3. Perfis de livros do DI em redes sociais para leitores, a fim de identificar e analisar as interações sobre as obras, e o conteúdo dos comentários.

3 DESINFORMAÇÃO E NEGACIONISMO

O uso generalizado das tecnologias de informação e comunicação (TICs) ocasionou a formação de um ambiente digital, denominado por autores como Pierre Lévy de “ciberespaço” (Levy, 2010), ou Floridi (2014) de “infosfera”.

Juntamente com o crescimento exponencial da informação na infosfera, se observa o fenômeno correlato da desinformação. Fallis (2016) define “desinformação” como mensagens, em qualquer tipo de suporte ou formato, emitidas com a intenção de levar o receptor ao engano. Os estudos sobre o tema da desinformação no campo da CI vêm avançando na tarefa de produzir um arcabouço conceitual e terminológico para o assunto, assim como na elaboração de estudos experimentais dedicados a compreender as dinâmicas e vislumbrar estratégias de combate às diversas formas de desinformação.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

O estudo de Brisola *et al.* (2024), apresenta uma análise de conteúdo sobre como a desinformação é conceituada nas produções da CI no Brasil. Seus resultados apontam para a predominância de “conceitos operacionais/técnicos de desinformação, assim como definições centradas nos supostos efeitos e nos objetivos da desinformação” (Brisola, et al., 2024, p. 14). Em um nível de abstração teórica mais aprofundado, Schneider propôs em seu livro *A era da desinformação*, o conceito de “desinformação digital em rede”:

Ao conjunto de modalidades desinformacionais contemporâneas mais alarmantes que nascem, fluem, transbordam, irrigam, alimentam o cenário atual (de tons grotescos) e dele se retroalimentam, dou o nome de *desinformação digital em rede* (Schneider, 2022, p. 15, grifo próprio).

O conjunto de danos causados pela desinformação inclui a fragilização das democracias, a queda da qualidade da discussão pública, assim como a formação de visões de mundo enviesadas por motivações emocionais ou por interesses ideológicos e econômicos.

O fenômeno da desinformação é complexo, e sua discussão incorpora um elenco de termos, apropriados pelo senso comum e pelas discussões especializadas, correspondendo aos aspectos particulares – embora inter-relacionados – do seu horizonte de ocorrência. “Fake news” constitui a forma mais popularmente conhecida de desinformação: mensagens falsas ou tendenciosas, especialmente no meio digital. A esta faceta se associa a atitude chamada “pós-verdade” – que consiste em admitir opiniões com motivação emocional ou ideológica, em detrimento da verdade e da evidência objetiva.

A desinformação, em algumas de suas formas, também possui graves consequências para a saúde pública, a garantia de direitos e a manutenção de políticas públicas de suporte contra doenças e eventos climáticos extremos. A situação acima descrita se aplica, particularmente, a uma forma de desinformação conhecida como “negacionismo”.

Em recente publicação, a Academia Brasileira de Ciências produziu um relatório que alerta sobre o que denomina como “desinformação científica” (ABC, 2024). Por esse meio, a instituição assume uma posição pública bastante clara contra os ataques mais ou menos articulados que a cientificidade vem sofrendo em anos recentes, especialmente através do meio digital. O relatório afirma que “a desinformação científica emergiu como um desafio significativo, afetando profundamente a percepção pública e a utilização de informações relacionadas à ciência” (ABC, 2024, p. 7). Em sua abordagem do problema, o relatório reconhece o perigo do avanço das pseudociências, além de formas mais contemporâneas de desinformação, amplificadas pela lógica algorítmica das redes sociais na internet. Neste

conjunto de fenômenos se destaca o negacionismo, e sua capacidade de persuadir o público em negação a consensos científicos amplamente estabelecidos, gerando com isso uma crise de confiança no conhecimento e nas instituições científicas.

O conceito de negacionismo pode ser formulado como a iniciativa sistemática de

[...] desacreditar conhecimentos estabelecidos pelo consenso de especialistas, mediante estratégias de contra argumentação, visando modificar a percepção do público acerca de tais conhecimentos. Aparece em sociedade na forma de uma estratégia de produção e comunicação de discursos, documentos e mensagens (Matos; Santos; Costa, 2023).

Diversas motivações econômicas, políticas e ideológicas fomentam a disseminação de mensagens negacionistas. O efeito dessa disseminação é persuadir as pessoas de que não existe consenso entre os especialistas acerca de determinado assunto do campo científico.

Considerando a importância do consenso no estabelecimento do conhecimento científico confiável, devemos lembrar o conceito de ciência proposto por um de seus grandes teóricos, o pensador Karl Popper (1994). Segundo este autor, a ciência é um empreendimento de formulação e teste de teorias explicativas, caracterizado pelo emprego de um método. O método envolve a formulação de problemas e hipóteses explicativas, que são selecionadas pelo contraste com o teste experimental e a crítica especializada. O padrão de crítica é um indicador da confiança que se pode ter em uma teoria, quando sua aceitação gera consenso entre os membros de uma comunidade científica.

Weart (2011) discute, em seu estudo, como o negacionismo se aproveita da atitude de questionamento própria do método científico para introduzir suas pautas e abalar a confiança na ciência. O autor afirma que “a confiança é o próprio centro da relação entre ciência e sociedade” (Weart, 2011, p. 41). Quando a confiança na ciência é abalada, interesses políticos, econômicos e ideológicos motivadores do negacionismo são favorecidos.

Essa afirmação, no artigo de Weart, ganha ainda mais significado por ser feita no contexto de uma exposição das estratégias negacionistas acerca das mudanças climáticas. Weart acrescenta que, para o interesse dos negacionistas, “não é necessário refutar o consenso científico”. Seria suficiente levantar questões suficientes para convencer o público de que não há consenso” (Weart, 2011, p. 45). Além do efeito de descredibilizar a percepção do público sobre consensos específicos, o negacionismo promove um ataque à própria cientificidade, ao criar uma falsa imagem de equilíbrio entre as afirmações da comunidade de especialistas e as afirmações dos proponentes do discurso negacionista.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Assuntos que são alvo de estratégias negacionistas em tempos recentes são as mudanças climáticas causadas pela ação humana, a efetividade das vacinas, e até acontecimentos históricos como o Holocausto, ou o Golpe Militar de 1964 no Brasil. Estudiosos têm feito progressos significativos na categorização das estratégias retóricas do negacionismo e de seus métodos de legitimação, visando a persuasão de camadas cada vez maiores do público. Diversas linhas argumentativas e comunicativas do negacionismo se reforçam mutuamente: um leitor que já desconfia de resultados científicos em um assunto, e que acredita em um falso equilíbrio entre a ciência e as explicações negacionistas, é mais suscetível a ser contaminado com novas mensagens negacionistas em outro assunto.

Para expressar de maneira direta e clara a combinação das principais estratégias negacionistas, autores como John Cook se referem à fórmula FLICC, que corresponde a: apelo a falsos especialistas, emprego de falácias lógicas na montagem de seu discurso, estabelecimento de expectativas impossíveis para as teorias científicas rivais, seleção das observações e casos favoráveis à sua ideia, e desprezo das demais evidências e finalmente, alegação de teorias conspiratórias por parte da comunidade científica. John Cook, a quem se atribui a autoria da fórmula FLICC, declara tê-la empregado pela primeira vez em um curso online sobre negacionismo climático (Cook, 2020).

Mas, já em 2009, foi publicado um artigo (Diethelm; Mckee, 2009), em que os autores discutem como os cientistas devem responder às manobras do negacionismo. Os autores definem “negacionismo” como “o emprego de argumentos retóricos para dar a aparência de legítimo debate onde não há nenhum” (Diethelm; Mckee, 2009, p. 2). Ao longo de sua argumentação, a lista das cinco manobras já está presente no estudo. No artigo de Brian Dunning (2019), que aliás possui uma versão publicada no Brasil (Dunning, 2020), as cinco manobras são explicadas e ilustradas com exemplos, visando prevenir o público leitor sobre investidas negacionistas nos meios de comunicação, nas redes sociais e na internet.

A fórmula FLICC oferece uma perspectiva viável para a identificação e a análise de estratégias negacionistas presentes em qualquer conjunto de mensagens ou documentos. A incorporação desta fórmula como instrumento de investigação é apresentada em Matos; Jacintho (2019) e Matos; Santos; Costa (2023). Há registros de outros estudos que vêm empregando a fórmula FLICC como uma espécie de ‘taxonomia’ das manobras do negacionismo, ou um modelo a partir do qual identificar e classificar sub-espécies dentro do conjunto mais geral dos discursos negacionistas.

Pode parecer paradoxal à primeira vista que uma forma de negacionismo se reforce pelo ataque à ciência e, mesmo assim, busque mimetizar ou simular procedimentos das práticas científicas legítimas. Mas é preciso entender que a legitimidade dos métodos científicos, fontes de rigor e previsibilidade, são desejáveis para proporcionar persuasão. Por isso, não é de estranhar que, mesmo a atitude de negação contra consensos científicos, tente se aproveitar de uma aparência de cientificidade em sua comunicação.

4 O DESIGN INTELIGENTE

O movimento do design inteligente (tradução do original em inglês *intelligent design* – também traduzido por ‘desígnio inteligente’ ou ‘desenho inteligente’), trata da ideia de que a ordem e a adaptação que se observa no mundo dos seres vivos pode ser igualmente, ou até melhor explicada, como resultado da ação de um criador inteligente, dotado de mente e intencionalidade, que planejou e mantém o funcionamento do mundo natural.

Esta ideia se opõe radicalmente ao paradigma biológico da evolução por seleção natural, e procura se oferecer como uma alternativa “científica” contra toda a evolutiva. Mas se o DI é um negacionismo, qual consenso científico estabelecido ele pretende negar? Desde que, em 1859, Charles Darwin publicou *A Origem das Espécies* (Darwin, 1952), as ciências da vida se organizaram em torno do *paradigma* (Kuhn, 2006) evolutivo da seleção natural. Todo o trabalho científico na biologia, e em ciências correlatas, é definido pelas regras, conceitos e visões de mundo derivadas deste paradigma.

Alvo de grandes polêmicas no século XIX, a ideia de evolução por seleção natural se consolidou ao longo do século XX, como um horizonte de problemas e caminhos metodológicos para todos os estudos dos seres vivos, incluindo áreas inteiras das ciências humanas como a psicologia, a antropologia e as ciências cognitivas. O biólogo e divulgador da ciência Stephen Jay Gould afirma que: “Charles Darwin fez duas coisas bem distintas: convenceu o mundo científico de que a evolução ocorrera e propôs a teoria da seleção natural como mecanismo” (Gould, 1999, p. 36). Para muitos, parece insuportável admitir a ideia de que o ser humano esteja incluído neste processo da natureza, e que características como a mente e a comunicação se devam, ao menos em parte, à seleção natural. Sobre isso, cientistas como Simpson (1964, 1965) e Dobzhansky (1975) desempenharam um importante papel de comunicação científica na formação do consenso sobre a teoria evolutiva por seleção natural.

O DI é uma estratégia de legitimação da visão criacionista, em negação à visão evolucionista - representada pela teoria da seleção natural de inspiração darwiniana. Essa estratégia se apoia em supostos critérios de cientificidade, como interpretação de resultados experimentais, e análise lógica de explicações teóricas. Mas, pelo que a análise das publicações sobre o DI indica, seu interesse envolve negar o consenso a respeito da teoria evolutiva, visando o estabelecimento de um falso equilíbrio e de uma falsa dicotomia entre a evolução por seleção natural e a teoria de um criador inteligente do sistema de seres vivos da natureza.

O verbete “Design Inteligente” do *Dicionário dos negacionismos no Brasil* caracteriza esse movimento nos seguintes termos: “O design inteligente (DI) é um movimento de natureza religiosa com influência política e que defende o argumento pseudocientífico de que a diversidade dos seres vivos não poderia ter surgido por acaso” (Szwako; Ratton, 2022, p. 97). O verbete descreve uma complexa estrutura de instituições que tem como objetivo propagar o DI como uma teoria explicativa divergente da visão estabelecida nas ciências da vida, sobre a evolução dos seres vivos. A imagem de um movimento articulado e de estratégias retóricas visando negar a evolução é representada no verbete, que comenta sobre uma “mudança de estratégia no campo terminológico, com o emprego progressivo de termos e, até mesmo, métodos das ciências pelos detratores da teoria evolutiva” (Szwako; Ratton, 2022, p. 98). Possivelmente, se deve a este tipo de manobra a presença do DI na lista de termos de um dicionário dos negacionismos.

Em uma carta ao editor, publicada na *Clinical Biomedical Research*, um periódico do campo da biomedicina, Everton Alves afirma que “os teóricos do design entendem que os mecanismos propostos pelo atual paradigma para a explicação da origem e evolução dos seres vivos demonstraram ser inadequados no contexto de justificação teórica” (Alves, 2015, p. 250). Veja que a negação aqui se formula em termos de que a teoria evolutiva carece de justificação teórica, e mais adiante o autor afirma sobre a ideia de DI que “ela é desprovida de qualquer compromisso religioso, e não deve ser confundida com o modelo criacionista” (p. 250). Com essa retórica, o DI se reveste da aparência de alternativa científica, concorrente com o paradigma fortemente estabelecido da evolução por seleção natural. Alves menciona, também, outras publicações a favor do Design Inteligente, como os livros: *Fomos planejados: a maior descoberta científica de todos os tempos* (Eberlin, 2014) e *Darwin on Trial* (Johnson, 1991).

Esta carta está recebendo importância no presente estudo, porque foi publicada em um prestigiado periódico científico. Após sua publicação, esta carta se tornou um dos documentos mais citados em favor do DI, em anos recentes no Brasil. Na edição seguinte da mesma revista, foi publicada outra carta, dessa vez de autoria do médico Rafael Nicolaidis (2016). Uma das observações que seu autor formula é a de que: “Os proponentes do DI frequentemente utilizam a dualidade de significados da palavra ‘teoria’ (coloquial versus científico) para afirmar erroneamente que a DI é uma teoria científica, ou ainda que a seleção natural é ‘apenas’ uma teoria” (Nicolaidis, 2016, p. 56). Perceba-se que a polêmica que envolve o assunto não é apenas uma questão de desacordo sobre explicações alternativas. Críticos do DI denunciaram a publicação da carta de Alves (2015), como uma estratégia retórica, visando enfraquecer na percepção pública o consenso em torno da teoria evolutiva da seleção natural. Querem com isso estabelecer o DI como explicação alternativa.

Silva (2024), dedica um artigo especificamente a analisar o fenômeno da publicação desta carta, e o contexto institucional da polêmica, em que a publicação se envolve. Afirma ele: “É importante considerar as implicações deste tipo de publicação em um periódico, os riscos relacionados à educação científica, além da validação e espaço para formas de pseudociência” (Silva, 2024, p. 4). O autor, como se pode perceber nas próprias referências do seu artigo, tem diversas produções em que investiga as ofensivas da pseudociência nas ciências da vida. No artigo aqui mencionado, o autor denuncia “como o negacionismo no Brasil parece receber suporte acadêmico” (Silva, 2024, p. 5). Sua análise da carta de Alves, das conexões com outras publicações e com outras personalidades do mundo acadêmico, revela redes de afinidade e influência que se estendem até as implicações políticas e ideológicas do DI.

Carlos Orsi, jornalista científico do Instituto Questão de Ciência, em um de seus artigos, menciona o financiamento e a propulsão de publicações a favor do DI, por uma organização internacional denominada *Discovery Institute*. Segundo Orsi:

A meta declarada do Discovery Institute é substituir o que eles acreditam ser a visão de mundo hegemônica hoje no Ocidente – “ateia materialista, marxista, freudiana, darwinista, caótica” – por uma visão “cristã”, encantada, divina, plena de propósito (Orsi, 2020, p. 3).

Mas a alegação mais grave feita no artigo é que o então presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Benedito Guimarães Aguiar Neto,

quando era reitor da Universidade Mackenzie de São Paulo, firmou parceria com o Discovery Institute para “promover o criacionismo no Brasil” (Orsi, 2020, p. 2).

Hentges e Araújo (2020), desenvolvem um estudo histórico do DI, e em especial de sua disseminação do Brasil. Os autores explicam como organizações criacionistas, inicialmente proponentes de visões religiosas sobre a origem e a organização dos seres vivos no mundo natural, foram gradualmente mudando sua linguagem a fim de mimetizar a linguagem científica. Além disso, explicam como essas organizações tentaram forçar as ideias criacionistas por meio de processos judiciais e tentativas de aprovação de leis para o ensino do criacionismo, especialmente nos Estados Unidos da América (Hentges; Araújo, 2020, p. 4). Diante do fracasso das campanhas judiciais, estes grupos negacionistas passaram a financiar institutos, associações, publicação e distribuição de livros e de artigos, propondo a ideia do DI. Os autores falam do “emprego progressivo dos conhecimentos e métodos das ciências pelos detratores da teoria evolutiva e da paralela supressão e mascaramento de qualquer terminologia religiosa” (Hentges; Araújo, 2020, p. 10). Mesmo assim, reconhecem que as estratégias de persuasão do público por meio de publicações têm enfrentado oposição da comunidade científica especializada.

O ponto que está em discussão é o ataque contra a ciência, promovido por um movimento pseudocientífico, visando abalar a confiança em uma teoria amplamente aceita, movido por interesses que se estendem além da esfera da investigação e da comunicação científica. Em vista desse conjunto de razões, se espera considerar que o DI deve ser estudado como uma forma de negacionismo.

Uma questão que se poderia formular é: Por que recusar ao DI o caráter de uma teoria científica? A resposta é de que a teoria evolutiva, segundo o mecanismo de variação cega e retenção seletiva, é um paradigma amplamente estabelecido para diversos campos das ciências da vida, vastamente fundamentado desde o tempo de Charles Darwin, em evidências empíricas resultantes de observação e testes controlados. Desde os registros fósseis até o desenvolvimento de antibióticos, toda a validade das ciências da vida resulta da admissão dos processos graduais de variação seleção de estruturas adaptativas. Ao contrário do que Alves (2015) afirma na citação feita acima, o que as evidências parecem indicar é que o Design Inteligente é a negação do evolucionismo nas ciências, para dar espaço a formas variadas de criacionismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou caracterizar o DI como uma forma de negacionismo e, com isso, identificar um cenário adequado para sua análise nos estudos da desinformação, no campo da ciência da informação. Na medida em que cumpre seu propósito, esta argumentação prepara o terreno para futuras investigações, que podem se ramificar e se especificar de diversas formas, tendo o negacionismo do DI como seu objeto de análise. Aqui mencionamos três caminhos que esta fundamentação inicial indica para futuras investigações: i) a investigação da produção de autores do DI, seus perfis e percursos curriculares; ii) a circulação e apropriação de publicações da DI em acervos, plataformas, repositórios, e o engajamento do público em redes sociais de leitores e iii) a presença de trabalhos do DI em planos de ensino e bibliografias na educação básica e superior no país. As próximas etapas do projeto pretendem se dirigir a estes caminhos de pesquisa, buscando aumentar o conhecimento sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC). **Desafios e estratégias na luta contra a desinformação científica**. Rio de Janeiro: ABC, 2024.

ALVES, Everton Fernando. Teoria do Design Inteligente. **Clinical and Biomedical Research**, [s. l.], v. 35, n.4, p. 250-251. 2015.

BRISOLA, Ana Cristina Brisola *et al.* Revisando o significado de desinformação na Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]** Vitória: ANCIB, 2024.

COOK, John. A history of FLICC: the five techniques of Science denial. **Cranky Uncle**, [s. l.], 27 de abril de 2020. Disponível em: <https://crankyuncle.com/a-history-of-flicc-the-5-techniques-of-science-denial/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

DARWIN, Charles. **The origin of species & the descent of man**. Chicago:London: William Benton Publisher, 1952.

DIETHELM, Pascal; MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond?. **European Journal of Public Health**, [s. l.], v. 19, issue 1, 20 Jan. 2009.

DOBZHANSKY, Theodosius. **Mankind evolving**. New Haven & London: Yale University Press. 1975.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

DUNNING, Brian. As cinco manobras da negação da ciência. **Revista Questão de Ciência**, 19 set. 2020. Disponível em: <http://revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2019/09/19/cinco-manobras-da-negacao-da-ciencia>. Acesso em: 05 maio 2025.

DUNNING, Brian. FLICC: 5 Techniques of science denial. **Skeptoid Podcast, Skeptoid Media**. 3 set. 2019. Disponível em: <https://skeptoid.com/episodes/4691>. Acesso em: 30 abr. 2025.

EBERLIN, Marcos N. **Fomos planejados: a maior descoberta científica de todos os tempos**. Campinas: Widbook, 2014.

FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution: how the infosphere is reshaping human reality**. Oxford: Oxford University Press. 2014.

GOULD, Stephen Jay. **Darwin e os grandes enigmas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HENTGES, Cristiano; Araújo, Aldo. Uma abordagem histórico-crítica do Design Inteligente e sua chegada ao Brasil. **Filosofia e História da Biologia**, v. 15, n. 1, p. 1-19, 2020.

HOOFNAGLE, Mark; HOOFNAGLE, Chris Jay. **What is Denialism?** [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4002823>. Acesso em: 30 abr.2025.

JOHNSON, Phillip E. **Darwin on trial**. Washington, DC: Regnery Gateway, 1991.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

MATOS, José Claudio Morelli; JACINTHO, Eliana Maria Santos Bahia. Informação, negacionismo e sustentabilidade: uma análise das publicações do instituto questão de ciência (iqc) e de artigos no campo da ciência da informação no brasil. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 13, n. 1, 2022.

MATOS, José Claudio Morelli; SANTOS, Wangy Radtke dos; COSTA, Ana Laura Moises. Aplicação de conhecimentos da lógica no combate ao negacionismo: possibilidades e desafios no ensino de biblioteconomia no brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 28, n. 2, 2023.

NICOLAIDIS, Rafael. A pseudociência do Design Inteligente. **Clinical and Biomedical Research**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 56-57. 2016.

ORSI, Carlos. 'Design Inteligente' é mais do que pseudociência, é estratégia política. **Questão de Ciência**, [s. l.], jan. 2020. Disponível em: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/apocalipse-now/2020/01/25/design-inteligente-e-mais-do-que-pseudociencia-e-estrategia-politica>. Acesso em: 30 abr. 2025.

POPPER, Karl. **Conjecturas e refutações**. Brasília, DF: UnB. 1004.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond. 2022.

SILVA, Hesley M. Design Inteligente em uma revista científica brasileira: pseudociência acadêmica. **Educação em Foco**, [s.l.], v. 27, n. 52, maio/ago. 2024.

SIMPSON, George Gaylord. **This view of life**: the world of an evolutionist. New York: Harcourt, Brace & World, 1964.

SIMPSON, George Gaylord, **The meaning of evolution**. New Haven: Yale University Press, 1964.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed. 2008.

SZWAKO, José; RATTON, José Luiz (org.). **Dicionário dos negacionismos no brasil**. Recife: Cepe, 2022.

WEART, Spencer. Global warming: how skepticism became denial. **Bulletin of Atomic Scientists**, [s. l.], v. 67, n. 1, p. 41-50. 2011.